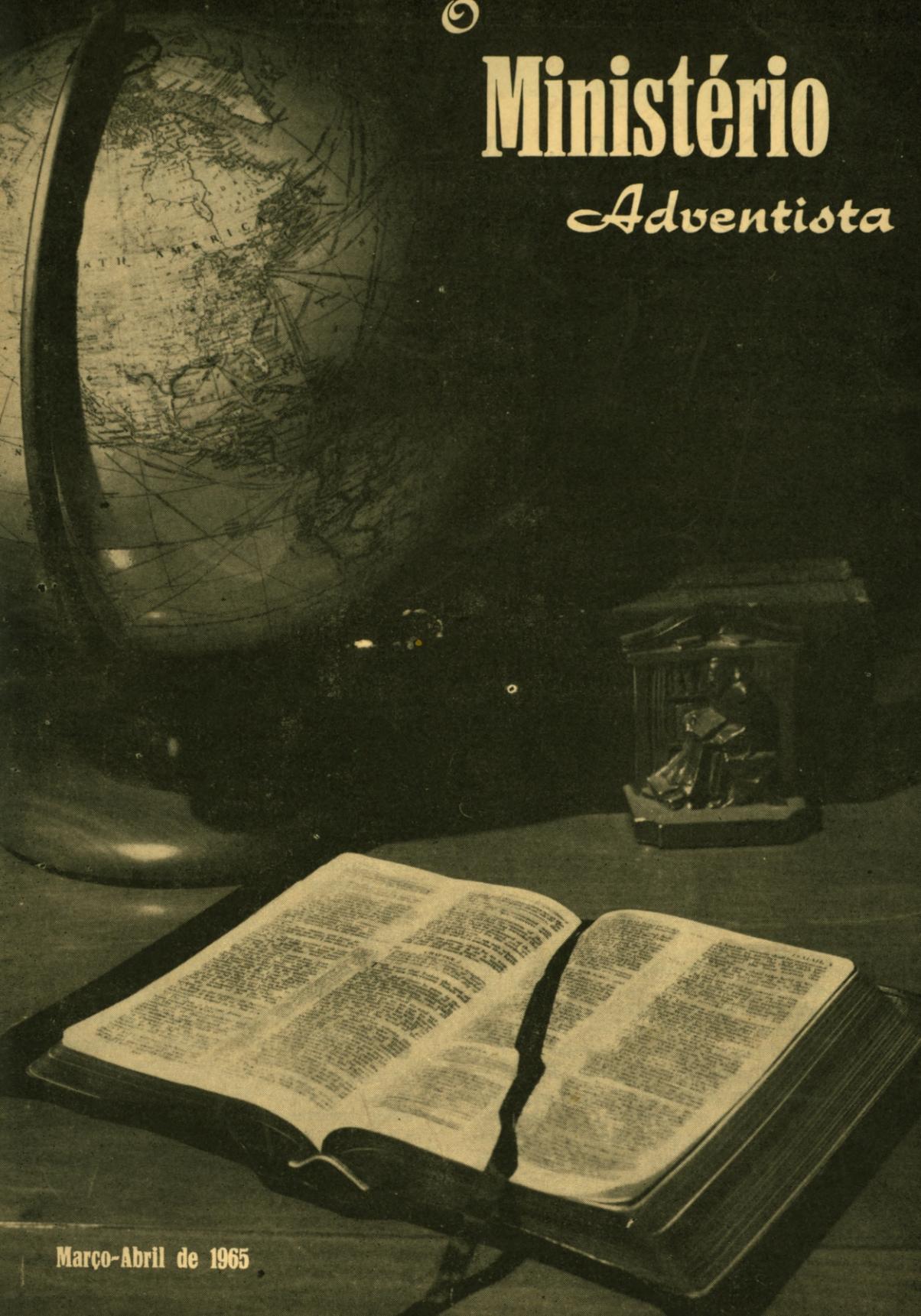




Ministério

Adventista



Março-Abril de 1965



Sete Segredos Para o Êxito

- 1. União do Poder Divino com o Esforço Humano**

“O segredo do êxito está na união do poder divino com o esforço humano. Aquêles que levam a efeito os maiores resultados são os que mais implicitamente confiam no Braço todo-poderoso.” — *Patriarcas e Profetas* (2ª ed.), pág. 538.
- 2. Trabalho Realizado com Muita Oração**

“Únicamente o trabalho realizado com muita oração e santificado pelos méritos de Cristo, demonstrar-se-á afinal haver sido eficaz.” — *O Desejado de Todas as Nações* (3ª ed.), pág. 269.

Os “obreiros nunca poderão alcançar o maior êxito antes que aprendam o segredo da força. Devem dar a si mesmos tempo para pensar, orar e esperar de Deus a renovação da força física, mental e espiritual.” — *Educação*, págs. 260 e 261.
- 3. Usar os Métodos de Cristo**

“Únicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 120.

“Não na arte da ostentação, mas em erguer a Cristo, o Redentor que perdoa pecados, haveis de alcançar êxito em atrair almas.” — *Obreiros Evangélicos* (3ª ed.), pág. 355.
- 4. Habilidade em Chegar ao Coração das Pessoas**

“Vosso êxito não dependerá tanto de vosso saber e conseqüências, como de vossa habilidade em chegar ao coração das pessoas. Sendo sociáveis e aproximando-vos bem do povo, podereis mudar-lhes a direção dos pensamentos muito mais facilmente do que pelos mais bem feitos discursos. A apresentação de Cristo em família, e em pequenas reuniões em casas particulares, é muitas vezes mais bem sucedida em atrair almas para Jesus, do que sermões feitos ao ar livre, às turbas em movimento, ou mesmo em salões e igrejas.” — *Idem*, pág. 193.
- 5. Íntima Comunhão com a Palavra de Deus**

“É a familiarização do ministro com a Palavra de Deus, e sua submissão à vontade divina, que dá êxito aos seus esforços.” — *Idem*, pág. 252.

“O ministro que faz da Palavra de Deus seu constante companheiro, há de apresentar continuamente verdades de nova beleza. O Espírito de Cristo virá sobre êle, e Deus operará por seu intermédio para ajudar a outros. O Espírito Santo lhe encherá a mente e o coração de esperança e ânimo, e imagens bíblicas, e tudo isso será comunicado aos que se encontram sob sua instrução.” — *Idem*, pág. 253.
- 6. Dominar as Dificuldades Pela fé**

“Alguns, Deus educa mediante decepções e aparentes fracassos. É Seu desígnio que êles aprendam a dominar as dificuldades. Inspira-lhes resolução de tornar cada aparente fracasso um sucesso. Muitas vezes os homens oram e derramam lágrimas por causa das perplexidades e obstáculos que os enfrentam. Mas, se êles mantiverem o princípio de sua confiança firme até ao fim, Deus lhes abrirá o caminho. O êxito virá, ao lutarem contra dificuldades que parecem invencíveis, e, com êsse êxito, lhes sobrevirá a maior alegria.” — *Idem*, pág. 269.
- 7. Manifestando a Vida de Cristo**

“Sobre cada consciência, como que com pena de ferro sobre a rocha, seja escrito que o verdadeiro êxito, quer para esta vida quer para a vindoura, só pode ser alcançado por meio da fiel obediência aos princípios eternos da justiça.” — *Test. Sel.*, Vol. 3, pág. 164.

“A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo. Apenas aquêles que são assim ensinados por Deus, os que possuem a operação interior do Espírito, e em cuja vida se manifesta a vida de Cristo, podem apresentar-se como verdadeiros representantes do Salvador.” — *Obreiros Evangélicos* (3ª ed.), pág. 285.



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Naor G. Conrado
 Colaboradores especiais:
 J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Brasil	
Assinatura Anual	Cr\$ 500,00
Número Avulso	Cr\$ 85,00
Estrangeiro	
Assinatura Anual	US\$ 2,00
Número Avulso	US\$ 0,35



Ano 31 N.º 2

NESTE NÚMERO

CAPA: © Harold M. Lambert Studios.

SETE SEGREDOS PARA O ÊXITO	2
ILUSTRAÇÕES	
"Lincoln e as Crianças"	3
EDITORIAL	
A Igreja em Estudo	4
"Traze os Livros"	5
ARTIGOS GERAIS	
A Relação do Pastor Para com a Escola Sabatina	6
Todo Membro da Igreja — Um Membro da Escola Sabatina	8
1965 — E a Escola Sabatina	9
O Pastor e a Escola Sabatina	10
OBRA PASTORAL	
Como Reduzir as Apostasias	11
A Não Utilizada Fonte de Poder na Igreja	14
EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS	
Estamos Acompanhando o Explosivo Aumento da População?	16
Motivos e Apelos Para Entrega	18
PEQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA	
Cristo Nosso Senhor — IV	19
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA	
Princípios Básicos de Interpretação Profética (Continuação)	22



"Lincoln e as Crianças"

EM fevereiro de 1860, Lincoln aceitou o convite de uma poderosa sociedade antiescravagista de Nova York para pronunciar um discurso sob seus auspícios. Não foi, entretanto, sem algumas hesitações que, sempre intimidado pela sua humilde pessoa, aceitou a idéia de falar nessa grande cidade, em meio tão nôvo, tão superior ...

Tendo chegado a Nova York na manhã da conferência, passeava, sem rumo, pelas ruas, quando ouviu uma suave melodia. Parou e escutou. Eram os alunos de uma escola dominical, que cantavam um desses cânticos que nos arrebatam a alma — talvez, uma daquelas canções com as quais sua mãe o embalara na terra natal.

Quando o hino terminou, ao invés de continuar seu caminho, êste grande amigo das crianças entrou, sentou-se um pouco afastado, escutou a lição e tomou parte nas preces, com tanta simplicidade como os pequeninos que o rodeavam. Um dirigente, notando a presença daquele estranho um pouco bizarro, mas de ar triste e tão bom, foi ter com êle e lhe perguntou se desejava dizer alguma coisa aos alunos. Lincoln levantou-se, com seu meigo sorriso, colocou-se diante dos meninos e começou a lhes contar histórias.

Era preciso ver todos aquêles pequeninos rostos radiantes voltados para êle, olhos brilhantes e lábios rosados, suplicando, com ardor, quando Lincoln fazia menção de parar: "Mais, senhor! Mais!"

Êsse foi dos triunfos oratórios o que lhe deve ter causado a maior alegria!

Como, afinal, êle fizesse menção de se retirar, o dirigente, agradecido, deteve-o e pediu, com insistência, que lhe dissesse seu nome.

— Abraão Lincoln, de Illinois, respondeu modestamente.

Algumas horas mais tarde, o presidente da sociedade abolicionista o introduzia, nestes termos, diante de homens ilustres que se comprimiam na imensa sala de conferências:

— Senhores de Nova York, é para mim uma grande honra apresentar-vos o futuro presidente dos Estados Unidos, Sr. Abraão Lincoln. — *Unitas.*



EDITORIAL

A Igreja

em Estudo

ENOCH DE OLIVEIRA

Uma explicação do explosivo desenvolvimento da mensagem adventista na América Latina é a ênfase que como organização damos ao estudo sistemático da Palavra de Deus, através da escola sabatina. É sem dúvida inspirador visitar a escola sabatina nas grandes igrejas e nas pequenas capelas, nos populosos centros urbanos e nas áreas rurais, e verificar a admirável unidade que existe entre elas no que respeita à organização, programa, alvos, métodos etc. Facilmente se verifica que todas obedecem à mesma orientação central e perseguem os mesmos objetivos.

Mas, o que é a escola sabatina? É a instituição amiga das crianças, inspiração da juventude, força da maturidade e alento da senectude. Ela é dirigida e ensinada por homens e mulheres piedosos que dão voluntariamente do seu tempo, dos seus talentos e dos seus recursos, a fim de que o perdido seja encontrado e o salvo fortalecido em sua experiência cristã.

A escola sabatina tem o santo sábado por seu dia, o santuário de Deus por seu local, as Sagradas Escrituras por seu texto e o aperfeiçoamento espiritual por seu propósito. Ela alimenta a alma, instrui o intelecto, aquece o coração, encoraja o desalentado, edifica o caráter, protege o tentado e a todos aponta "o caminho, a verdade e a vida."

A escola sabatina a todos estende a sua mão cordial, jovens e idosos, e os convida a entrar na casa do Senhor onde poderão ouvi-Lo, em acentos suaves, falando ao coração através de Sua Palavra.

Quando estudamos a História da Igreja no período neotestamentário, verificamos a inexis-



tência da escola sabatina como instituição organizada. Somente no século passado é que ela surgiu como resultado do desejo de melhor promover os interesses da causa de Cristo aqui na Terra. Entretanto, o princípio básico que inspirou a criação deste departamento da igreja, já existia nos dias dos apóstolos. Este princípio é o da importância do ensino na divulgação das verdades contidas no evangelho.

Jesus Cristo, o pregador por excelência, valeu-se com frequência do ensino em Seu ministério. Ele era conhecido como Mestre e, consoante os evangelhos, foi assim chamado 64 vezes. Os discípulos também se valeram deste mesmo método na obra do evangelismo. Nos lugares públicos e de casa em casa eles instruíam o povo nas verdades do evangelho. Este entusiasmo pelo ensino era uma herança do judaísmo, religião que sempre revelou especial apreço pela instrução religiosa.

Do quarto século em diante o cristianismo perdeu a pureza e fervor que caracterizaram a igreja nos seus primórdios, e o ensino do povo foi completamente abandonado. A instrução ficou circunscrita aos conventos e mosteiros. A rebelião protestante, entretanto, no século XVI, restaurou o ensino religioso entre o povo. Porém, o protestantismo, após as suas primeiras e consagradoras vitórias, abandonou a investigação bíblica e foi arrastado por uma crescente onda de formalismo.

A situação moral e religiosa da Europa e América, nas primeiras décadas do século passado, era em todos os respeitos deplorável e sombria. Kuntz afirma que aquele era um período de fome espiritual na Alemanha, onde a Reforma

havia perdido o seu entusiasmo inicial. Na Inglaterra verificava-se o mesmo declínio religioso. Por toda parte a igreja se apresentava débil e carente de vitalidade. As condições impetrantes na América eram ainda mais melancólicas que as do Velho Mundo.

Foi neste ambiente adverso e sombrio que o movimento adventista despontou, como luz entre as trevas religiosas, para restaurar o estudo sistemático da Palavra de Deus e de suas luminosas profecias.

Este entusiasmo pela investigação do Livro de Deus, que tanto marcou o movimento adventista em seu período formativo, inspirou os pioneiros adventistas à organização da escola sabatina, departamento da igreja que tão relevantes serviços tem prestado à causa do evangelismo.

Mas — é oportuna a pergunta — reconhecemos como ministros a importância da escola sabatina como instituição eficaz na obra em favor dos pecadores?

"Nossas escolas sabatinas não são nada menos que sociedades bíblicas, e no santo trabalho de ensinar as verdades da Palavra de Deus, podem realizar muito mais do que até o presente. A escola sabatina, quando bem dirigida, possui maravilhoso poder e se destina a realizar uma grande obra. . . . A influência que emana da escola sabatina deve melhorar e engrandecer a igreja; mas em caso algum se deve jamais permitir que ela se desvie dos interesses da igreja. Há, na escola sabatina, um precioso campo missionário, e se agora há sinais que fazem prever o bem, são eles apenas indicações e começo do que pode ser feito." — Conselhos Sobre a Escola Sabatina, pág. 9.

Após reproduzir estas palavras da inspiração, convidamo-vos à leitura dos diversos artigos publicados no presente número de "O Ministério Adventista," dedicado a este importante departamento da igreja, a escola sabatina.

"Traz os Livros"

ENTRE as últimas palavras registadas do grande apóstolo, encontra-se esta simples expressão: "Traz os livros." Os livros constituíam uma parte importante na vida deste veterano pregador, e agora, em seus derradeiros momentos, almejava êle o conforto e a inspiração de grandes livros. Os livros são maravilhosos amigos, sempre prontos a trocar idéias conosco.

Dirigindo a palavra a um grupo de ministros numa relevante reunião, meu amigo, o falecido Dr. Guilherme Stidger, realçou a importância da leitura. Disse êle: "Aquêles que se apresenta perante o público precisa ler. Para consigo mesmo e os ouvintes, tem a obrigação de ler pelo menos um nôvo livro por semana." Isto causou surpresa em alguns dos presentes, e um dêles falou com franqueza: "Como pode o atarefado ministro encontrar tempo para ler? Um livro por semana! Isto é fantástico! Os ministros medianos nem sequer lêem um livro por mês."

— É certo, replicou o Dr. Stidger, e é por isso que são ministros medianos. E sempre continuarão assim, enquanto não mudarem seu sistema de vida.

Com efeito, os livros nos ampliam o horizonte. Tiram-nos da mediocridade. Os bons autores sempre nos estimulam a realizar mais e melhor. Para manter-se à altura dos tempos, precisam os ministros ler muito e com freqüência. Isto de insinuar que não se tem tempo para ler, é confessar que não se é

bem organizado. Sempre dispomos de tempo para as coisas que consideramos essenciais, como as refeições e os compromissos sociais. E ler também é essencial.

O presidente Teodoro Roosevelt fazia longa viagem de trem. Já passava de meia-noite, mas um amigo encontrou o presidente dos Estados Unidos absorto na leitura dum livro.

— Parece que o senhor gosta de ler, observa êle.

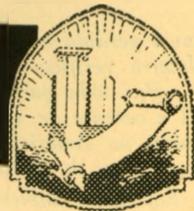
— É verdade, respondeu o presidente. Gosto de ler, e sei também quão essencial é fazê-lo. Estive tão ocupado hoje que não conseguí ler meu livro.

— O senhor se refere a um livro por dia? perguntou o amigo.

— Sim, é o que quero dizer, e tenho lido pelo menos um livro por dia durante muitos anos.

Apesar da premente responsabilidade de dirigir uma nação, Teodoro Roosevelt encontrava tempo para ler. Era êle um ministro do Estado, não ministro do evangelho, entretanto o conselho de Paulo: "Aplica-te à leitura," era-lhe tão vital, que concluiu a conversação afirmando que nunca deu por completado o dia sem haver lido o seu livro. Se é que a diligência e a dedicação tornam o homem um gênio, êle certamente era um. O gênio, contudo, advém mais por perspiração do que por inspiração. Portanto, "traz os livros!"

— Roy Allan Anderson



A Relação do Pastor Para com a Escola Sabatina

JOÃO R. LOOR

Pastor em Arlington, Califórnia



COMO ministro adventista do sétimo dia, por que sinto eu tão intensamente a importância da escola sabatina? Por que acho ser vital que os oficiais de minha igreja e eu sejamos mais fiéis em assistir à nossa escola sabatina e tomar parte nela? É

porque, em toda a minha vida, jamais conheci um adventista do sétimo dia realmente firme que não freqüentasse a escola sabatina com regularidade. Além disso, li o seguinte em *Testimonies for the Church*, Vol. 5, pág. 127: "A obra da escola sabatina é importante, e todos os que se interessam pela verdade devem esforçar-se por fazê-la prosperar." Se existe alguém sobre a face da Terra que deve interessar-se ao máximo "pela verdade," certamente é o pastor adventista do sétimo dia. Portanto, em vista de minhas próprias observações e este conselho inspirado, considero um prazer incentivar a maior assistência possível à escola sabatina. Apresento algumas sugestões que, com certas adaptações, julgo poderem os pastores adventistas do sétimo dia e outros dirigentes de igreja incluir em seu programa, a fim de despertar o maior apreço possível para com a importância da escola sabatina.

1. *Entusiasmo*. — O pastor precisa ser genuinamente entusiasta pela escola sabatina e não hesitar em manifestá-lo por meio da palavra, do sorriso, da atitude etc. Em alto grau, toda igreja é um reflexo de seu pastor. Isto constitui uma "lei ministerial." O entusiasmo dos membros e oficiais da igreja será diretamente proporcional ao "senso de responsabilidade" do ministro.

2. *Presença Pessoal*. — O pastor deve estar pessoalmente presente na escola sabatina, cum-

primentando as pessoas, à medida que vão chegando. Para tanto, porém, é necessário dar atenção a um fato essencial. Convém levantar suficientemente cedo no sábado de manhã para tornar isto uma realidade. Não existe qualquer fórmula mágica que possa substituir esta parte. Nesse sentido, é indispensável o amoroso e delicado incentivo da família do ministro. Aqui, novamente, o exemplo pessoal é de relevante importância. Voltando à primeira frase desta seção, cumpre reconhecer que o pastor que cuida de mais de uma igreja deve adaptar isto às circunstâncias.

3. *Dar Ênfase no Boletim*. — Se a igreja possui um boletim, convém que o programa da escola sabatina seja publicado nêle. Isto é uma maneira psicológica de aumentar a importância da escola sabatina. Pessoalmente, acho que o programa da escola sabatina deve ser mencionado primeiro, quer dizer, antes da hora de culto. Afinal de contas, na maioria de nossas igrejas, a escola sabatina é realizada antes do culto divino, não é mesmo? Ela deveria constituir a primeira parte da experiência de adoração e estudo dos adventistas do sétimo dia no sábado de manhã, daí citarmos-na na "devida ordem." Outrossim, deve o pastor usar o boletim para salientar regularmente outros pontos vitais da escola sabatina, como o Décimo-terceiro Sábado, o Fundo de Inversão, o Dia das Visitas etc. Existe algo relacionado com o ler e o ouvir estas coisas, que produz uma profunda impressão mental.

4. *Visitação Geral*. — Deve o ministro saber quem se ausenta habitualmente da escola sabatina ou não é constante em freqüentá-la, e nas visitas pastorais a essas pessoas convém que lhes faça saber que *êle* e os outros sentiram sua ausência. Deve então animá-las a estar presentes. Não existe sucedâneo a essa aproxima-

ção direta de coração a coração. Naturalmente, deve-se fazê-lo com cordialidade, amor e tato, mas o apêlo direto pode realizar maravilhas.

5. *Ênfase "Indireta."* — Muito contribuirá o pastor para o fortalecimento da escola sabatina, se êle constantemente realçar esta parte do programa divino. Pode fazê-lo nos sermões, especialmente nas ilustrações. Entremeá-lo desta maneira, via de regra pode ser muito mais eficaz do que uma proclamação direta. Nos anúncios na hora do culto ou nos "Negócios do Rei," pode êle fazer alusão às maravilhosas bênçãos recebidas por aqueles que assistiram à escola sabatina, fazendo os que compareceram somente ao culto notar que perderam algo por faltar à escola sabatina. Alguns métodos que aprecio usar de vez em quando, são os seguintes: (a) Ao dar as boas-vindas às pessoas presentes na hora do culto, amiúde gosto de dizer: "Quão belo é o sábado em que se pode vir à casa de Deus e adorá-Lo na *escola sabatina* e no culto divino!" (b) Muitas vèzes, ao apresentar o primeiro texto do sermão, costume dizer: "Abramos as Bíblias que trouxemos para a *escola sabatina* e a igreja, a fim de . . ." A constante e variada ênfase indireta pode incentivar muitíssimo a assistência à escola sabatina. As propagandas comerciais pelo rádio e pela televisão, os versos musicais etc., baseiam-se até certo ponto neste princípio de constante repetição e de "martelar" a mente humana sob diferentes aspectos. É surpreendente como a aplicação d'êste princípio realmente ajuda a mensagem a penetrar no coração.

6. *Palavras Pessoais.* — Referi-me a êste princípio, em seu aspecto relacionado com o lar, no ponto número quatro. Agora êle se apresenta novamente, mas num sentido diferente. Ao retirarem-se os membros, após o término do culto divino, o pastor, saudando-os na porta, pode dizer aos que estiveram ausentes à escola sabatina que *êle* sentiu falta d'êles e espera que recebam a bênção completa no próximo sábado. Se o ministro é sincero e ama realmente a seu povo, êles o notarão, e êste procedimento, adequadamente seguido, não causará embaraço. Como é óbvio, muito depende aqui da atitude do pastor para com seus membros.

7. *Apoio aos Oficiais da Escola Sabatina.* — Jamais deveria o pastor estar tão ocupado que não pudesse assistir às reuniões da comissão da escola sabatina. Sua presença ali é essencial para manter o ânimo dos oficiais e a resultante disposição dos membros da escola sabatina. Neste âmbito, sinceros cumprimentos e bondosas palavras de encorajamento transmitidas aos seus oficiais da escola sabatina, servirão de proveito. Boas palavras ditas "a seu tempo" aos cansados, serão como o bálsamo de Gileade para a sua alma. Sustentar as mãos dos oficiais da escola sabatina deve ser o constante objetivo do pastor.

8. *Completa Instrução dos Novos Conversos.* — Antes do batismo, os novos conversos à verdade devem ser completamente instruídos pelo pastor, quanto à importância de estarem presentes à escola sabatina cada semana, para o desenvolvimento e a manutenção de uma sólida experiência cristã. Além disso, êsses novos conversos *já devem estar assistindo* à escola sabatina antes do batismo. Enquanto estas prezadas pessoas se encontram em seu primeiro amor, deveria ser assentado todo firme alicerce para a mensagem do advento. A escola sabatina faz parte d'êste firme fundamento da mensagem adventista do sétimo dia.

9. *Diligência na Escolha da Diretoria da Escola Sabatina.* — Quando chega o tempo de se reunir a comissão de nomeações, convém que o ministro a anime a fazer a melhor escolha possível para a diretoria da escola sabatina. Isto não deve ser feito apressadamente. Cumpre dedicar cuidadosa e séria reflexão a êste assunto. Sempre convém iniciar cedo os trabalhos da comissão de nomeações, para que não se façam escolhas apressadas e irrefletidas, principalmente no que diz respeito aos oficiais da escola sabatina. Deve-se lembrar que a igreja não será mais forte do que a sua escola sabatina. Compete ao pastor esclarecer todos os oficiais da igreja quanto à importância de comparecerem à escola sabatina, principalmente a uma classe dela. Às vèzes existe a tendência de ficar divagando durante o estudo da lição, dando assim pouca importância a esta parte da escola sabatina. Nas reuniões do pastor com os oficiais da igreja, devem êstes ser inteirados da importância de seu exemplo nestes pontos.

10. *Cooperação do Pastor.* — Se possível, deve o pastor dirigir uma classe da escola sabatina. Sempre achei proveitoso dirigir o que costume chamar de "A Classe das Grandes Doutrinas da Bíblia," destinada aos que não são membros da igreja. Também deve o pastor estar disposto a de vez em quando prestar ajuda adicional ao programa da escola sabatina, fazendo talvez ocasionalmente o apêlo missionário ou incentivando o estudo diário. Convém que manifeste real interêsse nas várias divisões, visitando-as uma vez ou outra e contando quem sabe uma história para as crianças. Sua contribuição durante o período da escola sabatina muito significará em consolidar êste setor da vida da igreja.

Todo pastor anseia que sua igreja se torne forte e repleta do Espírito Santo. Uma escola sabatina forte indica uma igreja forte. Queira o Senhor ajudar-nos a ser mais entusiastas e diligentes neste importantíssimo aspecto de Seu grande programa para a salvação de almas preciosas, e na preparação de homens, mulheres, jovens e crianças para um lugar na notável escola sabatina do futuro.

Todo Membro da Igreja — Um Membro da Escola Sabatina

JOÃO RIFFEL

Diretor do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Sul-Americana



DESDE o início da organização da escola sabatina, o ideal tem sido que cada membro da igreja seja também membro da escola sabatina. Sem dúvida alguma, tem sido um louvável propósito através dos anos. Nada melhor poderia ser concebido,

pois suas conseqüências são de sumo benefício para o povo de Deus. Sobre os dirigentes deste Departamento e os obreiros em geral, pesa a responsabilidade de alcançar o alvo proposto: "Todo membro da igreja, um membro da escola sabatina."

À medida que começaram a ser organizadas escolas sabatinas, primeiro nos Estados Unidos e depois em outras partes do mundo, tornou-se evidente que se tratava de "uma sementeira do Senhor," destinada a ser "uma planta de renome no jardim de Deus." Hoje, a escola sabatina cresceu como uma grande árvore, cujas raízes penetraram profundamente em cada continente, e seus ramos estão estendidos para produzir frutos dentro e fora da igreja. Seus quase dois milhões de membros unidos de coração e mãos ao redor da Terra, tornaram-se considerável bênção para a igreja. Isto se manifesta especialmente ao serem confirmados em sua preciosa fé, em sua experiência cristã e nas atividades da igreja. E em segundo lugar destaca-se sua valiosa contribuição em estabelecer nova obra mediante as filiais e outros métodos de evangelismo.

Infelizmente, na América do Sul, até agora não alcançamos nosso tão desejado alvo. Muito pelo contrário, estamos ainda longe dele. Cada vez que recorremos às estatísticas, nosso coração se estremece de compaixão ao constatar a imensa quantidade de irmãos que por uma ou outra razão não são membros da escola sabatina, ou não assistem a suas reuniões. O absentismo é acabrunhador. Sabemos que os motivos são vários. Mas sabemos também que este fato tão importante, tão transcendente no destino de cada membro de igreja, é de tal alcance, que devemos, o quanto antes, encontrar uma solução para o problema; do contrário, os

descuidados se afastarão cada vez mais de nossos cultos. Na verdade, o fato de faltar às reuniões da escola sabatina, é geralmente o primeiro indício de algum mal, como descontentamento, desânimo, negligência nos deveres religiosos, e... por que não dizê-lo, pode ser o primeiro passo na senda da apostasia. Cumpre então que nós, especialmente os obreiros distritais, estudemos com muito cuidado os motivos que levaram as pessoas a isso, e que de alguma maneira consigamos fazê-las participar das bênçãos proporcionadas pela reunião da escola sabatina. Todos sabemos o que sucede com um braseiro repleto de carvões acesos que ardem com toda força, mas quando se retira e se separa um carvão após o outro, eles começam a fumer e a apagar-se, símbolo de descontentamento, queixas, críticas, problemas e morte espiritual. Lutemos com todas as forças de que dispomos e organizemos nossas igrejas e escolas sabatinas de tal maneira que possamos afirmar com certeza que cada membro da igreja é um membro da escola sabatina, para que entre nós se torne uma realidade o conselho dado em Hebreus 10:25: "Não abandonemos a nossa própria congregação, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações, e tanto mais quanto vêdes que o dia se aproxima."

Muitos irmãos que não assistem à reunião da escola sabatina também não estão presentes na hora do sermão. Isto influi tremendamente nos alvos, quer sejam financeiros, de índole espiritual ou missionários. Não nos esqueçamos de que a pessoa que se mostra indiferente para com os cultos, toma uma atitude semelhante para com o dízimo, as atividades missionárias, as ofertas, as normas, e acaba sendo um problema para a igreja.

Como dirigentes da causa do evangelho, devemos empreender esforços perseverantes, sem esmorecer nem recuar, até conseguir que toda a irmandade participe da bênção que a escola sabatina proporciona a cada indivíduo.

Interessar-lhe-á saber que:

1. Embora em fins de junho houvesse . . . 165.229 membros da escola sabatina em nossa

1965 - E a Escola Sabatina

CERTAMENTE todos estamos inteirados da campanha de promoção em favor da escola sabatina durante 1965.

Em vista da premência do tempo em que vivemos e da tremenda necessidade de dar maior impulso à obra das Missões, a Associação Geral em um de seus últimos concílios resolveu sugerir às respectivas Uniões, Associações e aos membros em geral, dois grandes objetivos: Aumentar em 50 % durante 1965, as ofertas dadas para a escola sabatina em 1964; e arrolar cada membro da igreja na lista de membros da escola sabatina.

Para alcançar estas deliberações estão sendo publicados artigos alusivos na Revista

Adventista, nos boletins das Uniões e dos Campos locais. Isto, porém, não é suficiente. Necessitamos do esforço e da colaboração dos homens que se encontram mais perto de nosso povo, e estes homens sois vós, pastôres das igrejas!

Solicita a resolução que em nossos sermões amiúde façamos alusão à campanha de maior abnegação nas ofertas para as Missões e no envidar esforços para conseguir que todo membro da igreja se torne membro ativo da escola sabatina.

Agradecemos aos pastôres por tudo o que fizeram em favor do bom andamento da escola sabatina.

— João Riffel

Divisão, há mais de 27.613 membros da igreja que não são membros da escola sabatina.

2. Embora tenhamos 165.229 membros da escola sabatina, lamentavelmente apenas uma média de 110.557 assistem às reuniões.

3. Muitos dos que não comparecem à escola sabatina também não assistem aos cultos da igreja.

4. São muitos os casos em que eles se afastam paulatinamente, esfriando-se pouco a pouco até tomar o caminho da apostasia.

5. É necessário começar uma ampla campanha de incentivo a maior fidelidade na assistência à reunião da escola sabatina.

6. A elevada porcentagem de membros ausentes influi muito nas ofertas da escola sabatina.

7. É interessante notar que nas Divisões de maior porcentagem de ofertas da escola sabatina em relação com o dízimo, como a Australiana, a do Extremo-Oriente, a Africana e outras, o número de membros da escola sabatina e a assistência às reuniões oscilam entre 75 a 125% acima do número de seus membros de igreja.

8. Comparativamente, somos a última dentre dez Divisões do mundo, no que se refere à porcentagem dos dízimos e as ofertas da escola sabatina.

9. O fato de ser membro ativo, estudar diariamente a Bíblia mediante as lições da escola

sabatina, assistir a suas reuniões, dar ofertas generosas e cooperar na obra missionária, confirma as pessoas na verdade.

Pastôres, obreiros distritais e diretores do Departamento da Escola Sabatina, aceitaremos este tremendo desafio? Qual será nossa atitude para com os 27.613 membros da igreja da Divisão que não estão registrados como membros da escola sabatina? Quantos irmãos de seu campo ou distrito não são membros da escola sabatina? Faça cálculos, talvez o aguarde uma surpresa.

Dar-se-á o caso desta cifra ser tão elevada por falta de melhor informação, ou porque muitas de nossas igrejas têm o espaço tão reduzido que não há lugar suficiente para os alunos se assentarem em suas classes correspondentes, escapando assim da vista do professor e não sendo anotados como presentes? Sim, isto é possível, mas não olvidemos que há razões mais profundas e sérias que estas, as quais temos o dever de investigar e corrigir.

Aceitemos a solene responsabilidade de fazer da escola sabatina o que é indicado na seguinte declaração do Espírito de Profecia: "Esta deve ser o lugar em que, por meio de viva comunhão com Deus, homens e mulheres, jovens e crianças sejam preparados para ser uma força e bênção à igreja." — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 11.

O Pastor e a Escola Sabatina

MILTON T. REIBER

Pastor na Pensilvânia



TIVESSE o pastor que depender inteiramente de seus próprios esforços para ganhar almas, a tarefa por vezes pareceria quase irrealizável. No entanto, esta não é a situação na Igreja Adventista do Sétimo Dia. A igreja está organizada de maneira a proporcionar muitos ajudantes ao pastor. Todo departamento dela existe com a finalidade de ganhar almas. Cada um deles contribui para o bem do programa da igreja e o desenvolvimento do reino de Deus sobre a Terra.

A escola sabatina, de modo especial, é proveitosa para ganhar almas. O pastor deve reconhecer isto e aproveitar os vários aspectos da escola sabatina para aumentar o número de membros da igreja. Amiúde se tem dito que a escola sabatina é a igreja em estudo. Ela, porém, é mais do que isto. Pode ser, e muitas vezes é, uma classe batismal e uma preparação para mais íntima comunhão com Jesus Cristo. Todos sabemos que na maioria dos campos missionários o número de membros da escola sabatina excede o da igreja. Tive o privilégio de trabalhar algum tempo no estrangeiro. Em determinado pôsto missionário os membros batizados eram quinze, mas os membros da escola sabatina eram duzentos. Que gloriosa oportunidade existia ali de ganhar almas para Jesus!

É evidente que o pastor deve assistir à escola sabatina. Desventurado é o ministro que tem de perder a escola sabatina por causa de dois cultos de pregação na manhã de sábado. Como a maioria das nossas igrejas não são muito grandes, o pastor pode cumprimentar os membros que vão chegando. Isto lhes dá a oportunidade de apresentar ao pastor as visitas que trazem consigo. Saber quem está presente ajudará a orientá-lo no sermão, e saudar os visitantes à medida que vão chegando proporcionará ao pastor o ensejo de convidá-los a assistir à sua classe na escola sabatina. O fato de o ministro estar ali para dar-lhes as boas-vindas, manifesta aos membros que ele se interessa pela escola sabatina.

A obra do pastor em prol da escola sabatina deve começar nas reuniões da comissão. Ali ele pode orientar as atividades da escola sem dar

ordens. Deve solicitar que os oficiais tomem providências para que a escola funcione regularmente e que não haja incidentes desagradáveis que causariam desfavorável impressão nos visitantes. Pode informar aos oficiais que os apoiará em seu programa. Nas reuniões da comissão da escola sabatina pode ele orientar a escolha de professores que se apliquem ao máximo no ensino das classes. Muitas vezes os membros ausentes são interrogados a respeito de sua falta de interesse na escola sabatina, e a resposta é que o professor não desperta interesse e o membro não recebe benefício do estudo da lição.

Havendo sido escolhidos os professores, pode o pastor aconselhá-los quanto à apresentação das lições. Devem ser admoestados a usar tato, nunca discutindo com os membros ou as visitas. Convém animar os professores a apresentar fatos e pensamentos adicionais relacionados com a lição, pois a maioria dos membros estudaram a lição pelo menos uma vez. Pode-se fazer lembrar aos professores que eles têm a "primeira oportunidade" de produzir boa ou má impressão nos membros das classes e nos visitantes, antes de o ministro apresentar seu sermão.

O pastor querará ter uma classe na escola sabatina. Devem os visitantes ser incentivados a assistir a esta classe, e convém animar os membros da escola sabatina a apresentar os visitantes ao pastor, se ele ainda não travou conhecimento com eles. Havendo a probabilidade de estarem presentes muitas visitas que não pertencem à nossa fé, as novas lições da escola sabatina para a classe do pastor, são proveitosas. Não seguem estas as lições regulares, mas contêm as principais doutrinas da fé cristã. Alguns dos membros de menos conhecimento doutrinário podem ser colocados nesta classe, para que sua fé seja fortalecida e formem um núcleo para a classe. Os visitantes não adventistas que a freqüentam regularmente podem ser encaminhados passo a passo na mensagem.

Um dos setores mais produtivos da escola sabatina são as filiais. Estas podem ser realizadas em diversos lugares. Se alguns membros moram longe da igreja e não podem freqüentá-la com regularidade, devem ser estimulados a realizar a escola sabatina em seus lares, ou nalgum

outro lugar apropriado. Se ela fôr efetuada à tarde, o pastor e outros membros da igreja podem estar presentes. Às vèzes, após uma série de estudos bíblicos, ainda há alguns indivíduos na comunidade que estão interessados, mas que não foram batizados. Isto oferece excelente oportunidade para uma escola sabatina filial. Tive esta experiência alguns anos atrás. Bati-zei diversas pessoas em resultado de trabalho pessoal na comunidade; e como os novos membros residiam cêrca de noventa quilômetros da igreja, foi organizada uma escola sabatina num dos lares. Escolhi membros leigos da igreja para dirigir a escola quando eu não pudeesse apresentar-me no local. Após algum tempo retirei-me daquele distrito, e três semanas depois de minha partida, nove almas foram batizadas nesta escola sabatina filial.

Outra instrumentalidade para ganhar almas na escola sabatina é a Escola Cristã de Férias. Para a maioria das pessoas os filhos constituem aquilo que mais estimam. Tomando in-

terêsse pelos filhos, será mais fácil alcançar os pais. Muitos batismos resultaram de secundar o trabalho iniciado na Escola Cristã de Férias. Por êsse meio também foram conseguidos membros para a escola sabatina e alunos para a escola primária. Ditoso é o pastor que pode realizar uma campanha evangelística imediatamente após uma Escola Cristã de Férias, e no mesmo local em que ela foi efetuada. As crianças podem servir como anunciantes para as reuniões.

Êste ano, em que a Associação Geral recomenda que todos os departamentos sejam especialmente evangelísticos, deve a escola sabatina ser conduzida de maneira a empregar todos os meios para a salvação de almas. O pastor pode usar êste departamento com muito proveito, não dando ordens aos oficiais da escola sabatina, mas orientando-os. Deve fazê-los saber que está deveras interessado na obra dêles e que lhes dará todo o apoio possível.

OBRA PASTORAL



Como Reduzir as Apostasias

CREE SANDEFUR

Presidente da Associação da Califórnia do Sul



HÁ pouco mais de cem anos, a Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi organizada por vinte delegados de seis Associações. O número oficial de membros, se é que podemos dizer que havia alguma coisa realmente oficial naqueles primeiros anos, era 3.500. No fim de 1962, o número de membros em todo o mundo excedia a um milhão. O total de membros no presente, bem como os milhares que faleceram durante os cem anos passados, evidenciam que a bênção de Deus acompanhou a pregação da terceira mensagem angélica. É óbvio que o Senhor operou poderosamente em favor de Sua verdade. Oxalá esta descrição de

progresso na mensagem adventista pudesse terminar neste ponto da apresentação. Fazer assim, porém, não seria condizente com o repto diante de nós.

A perda de membros por apostasia nos condena. Talvez alguém mencione que a igreja sempre perdeu membros. Aquêles que aprecia plenamente o dom de Deus por meio de Jesus Cristo encontrará pouco conforto na lembrança de que a igreja primitiva, em sua pureza, teve que tratar com membros apostatados como Judas e Demas.

Somente a eternidade revelará o valor duma alma salva. De modo inverso, compreenderemos inteiramente a tragédia duma alma perdida. Ilimitados são os aspectos sob que podemos considerar proveitosamente o que será útil para reduzir ao mínimo as apostasias.

Minha incumbência é dar atenção ao culto

do sábado de manhã, como meio de minorar o problema. O assunto é difícil por causa das circunstâncias diferentes que existem nas diversas regiões do mundo. As igrejas dum país têm problemas diferentes das igrejas de outro país. Em muitas Associações e Missões nossas igrejas dependem do ancião local para a direção dos cultos, ao passo que em outros Campos há congregações que desfrutam cada semana o ministério de seu pastor. É difícil fazer aplicações que sejam de utilidade para diversas congregações e circunstâncias. Contudo, presumo que os princípios básicos podem ser utilizados com proveito, independentemente da situação geográfica ou do tamanho da congregação.

Para começar, talvez convenha considerar a pergunta: *Por que as pessoas abandonam a igreja?* Parece duvidoso que, como denominação, tenhamos investigado esta questão até ao ponto de poder dar uma resposta autorizada. Podemos ter idéias, e quiçá algumas de nossas conclusões sejam corretas. No entanto, é possível haver importantes fatores envolvidos que não tenhamos descoberto ou pôsto em evidência.

Para ilustrar, usemos a experiência de Demas. Por que deixou êle a igreja? Em sua associação com o Dr. Lucas, com Paulo e outros dirigentes da igreja, estava êle rodeado da atmosfera de dedicação e cometimento. Estou certo de que notou bem poucas incoerências na vida e no ministério desses irmãos, se é que houve alguma. Duvido que alguém pudesse estar tão intimamente associado ao apóstolo Paulo, como Demas o foi, sem conhecer completamente os ensinamentos da igreja. Parece ser lógico que os irmãos o mantiveram ocupado. Destarte, é improvável que lhe sobrasse tempo para experimentar os prazeres mundanos.

Que foi então que sucedeu com Demas? Não sabemos muito mais do que a declaração feita por Paulo em II Timóteo 4:10: "Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou."

Quais foram os fatores que contribuíram em levá-lo para o mundo? Sugere alguém que êle escolheu o mundo. Isto é certo, mas por quê? Por que seguiu êle esse caminho, enquanto Marcos, que a princípio se mostrou instável, tornou-se uma coluna de firmeza na igreja? Desejo salientar que em sua experiência, Demas contou com a amizade dos santos da igreja. Não posso crer que tivesse falta de conhecimento. Além disso, êsses primitivos dirigentes da igreja eram homens consagrados. Milagres acompanhavam-lhes as orações: Demas teve toda a vantagem, todavia seguiu o caminho do mundo.

Usei esta experiência, não para confundir ou desanimar-nos, mas para realçar um ponto im-

portante. Reter nossos membros é mais do que amizade, ambiente ou conhecimento. É mais do que estudar rotineiramente a lição da escola sabatina sete vezes por semana, assinar *O Atalaia*, a boa e antiga *Revista Adventista*, ou freqüentar escolas e colégios cristãos. Tudo isto é muito importante, mas, irmãos, cada um deles pode tornar-se tão-somente uma "formalidade."

Quem de nós não terá visto mais de uma pessoa freqüentar escolas e colégios cristãos, desde o curso primário até o superior, e no entanto, devido às vicissitudes da vida, abandonar a igreja? Infelizmente, temos visto homens talentosos e inteligentes, que pregaram esta mensagem com eficácia, perder o rumo e unir-se ao mundo. Certamente não lhes faltava conhecimento.

Mencionei tudo isto para que reconheçamos mais plenamente que de alguma maneira precisamos *inspirar* nossos membros de igreja a crer e experimentar a alegria e o prazer que advêm da comunhão com Deus e Sua igreja. Devemos conduzir nosso povo à abençoada realidade de experimentar a profunda satisfação e segurança que são encontradas em revestir-se de toda a armadura da igreja. O testemunho da igreja no sábado de manhã deve ser tão eficaz que os membros considerem o mundo como bronze que soa ou como sino que retine, em comparação com a paz, confiança, inspiração e satisfação que encontram com o povo de Deus. Semelhante alvo é mais do que um ideal. Deve ser uma realidade. Do contrário, continuaremos a lamentar a corrente de boas pessoas que penetram pela porta da frente do santuário e atravessam casualmente a igreja, saindo para o mundo pela porta dos fundos, sem ficarem grandemente comovidas ou inspiradas pelo que viram ou ouvirem na igreja. A casualidade com que tantos realizam esta rotina deveria abalar-nos. Esta observação é feita sem qualquer intenção de criticar. É simplesmente um fato que pode ser comprovado com facilidade entrevistando-se os participantes.

Para ajudar a indicar o problema que nos conduzirá a algumas soluções sugestivas, lembremo-nos do seguinte:

1. A maioria dos que abandonaram a igreja continuam crendo que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a verdadeira igreja remanescente.

2. Não se unirão a outra igreja por motivos religiosos. Talvez o façam por interesse social.

3. Na maioria dos casos, defenderão as doutrinas da igreja ao palestrarem com outros.

4. Em muitos casos estão sinceramente incertos quanto ao motivo real por que se afastaram da igreja.

Portanto, temos que chegar à conclusão de que seu afastamento de entre nós não ocorreu devido a descrença na igreja remanescente ou por falta de conhecimento.

Como, quando ou onde poderíamos haver contribuído para conservá-los dentro da igreja? Minha opinião é que o uso apropriado do culto divino constitui uma importante solução. É este um culto da igreja em que geralmente contamos com a melhor representação da parte de nossos membros. Para enfrentarmos corajosamente o problema, parece evidente que devemos fazê-lo na hora do culto. Como?

A música, a ordem do culto, a mensagem da Palavra de Deus, devem ser tão inspiradoras que as pessoas saiam do culto tão incentivadas, emocionadas, inspiradas, condenadas e animadas, a ponto de *saberem* que a igreja é sua força, seu refúgio, sua maior fonte de alegria e seu único meio de segurança.

Por ocasião dum recente programa esportivo em Los Angeles, foi anunciado através do rádio que 5.000 ingressos seriam postos à venda às seis horas da tarde. Já haviam sido vendidos 49.000 ingressos. Alguns minutos depois da hora marcada havia uma fila de aproximadamente um quilômetro e meio de extensão, pagando cada pessoa três dólares e meio por um ingresso para poder assistir a este especial evento esportivo. Por quê?

Faz pouco tempo, em um programa noticioso, tomei nota dos milhares de pessoas que se sacrificaram para tomar parte numa manifestação em Washington, D. C. Tudo indicava que essas pessoas se sentiam felizes por participar dessa marcha coletiva. Por que tantos estavam dispostos a deixar o trabalho e gastar dinheiro para chegar até Washington? É que todo o seu coração estava nesse empreendimento.

Não é o desafio que a igreja apresenta ao coração humano de muito mais importância do que qualquer desses outros? Ou melhor, está a igreja cumprindo devidamente seu dever de apelar ao coração?

Dar-se-á o caso de estarmos perdendo ao todo muitos de nossos membros, devido a se achar o culto de adoração repleto de mediocridade? Em muitíssimas ocasiões a ordem do culto não é bem planejada; a música é mais uma exibição de talento do que um transbordamento do coração em louvor a Deus. O sermão é monótono ou frio. Não desperta interesse ou entusiasmo. As pessoas se retiram do culto subnutridas, de espírito indiferente e coração não despertado.

Que se pode fazer? O pastor é a pessoa-chave. Ele é a coluna vertebral do futuro desta igreja. Humanamente falando, sua igreja cres-

ce ou decrece com êle. É êle que produzirá um espírito de reavivamento — ou de *mornidão*. É êle que irá inspirar sua congregação, ou desanimá-la. Como administradores, devemos fazer mais em ajudar nossos pastores a se tornarem poderosos na apresentação da Palavra de Deus. É mister haver homens preparados que sejam pregadores bíblicos. Temos um círculo de ouvintes que reconhecem imediatamente quando alguém está meramente usando material já digerido por outrem.

Certo membro contou-me, sem espírito de crítica, que em determinado sábado seu pastor começou muito bem o sermão que proferiu. Verdadeiro alimento espiritual estava sendo apresentado. Disse que isto continuou assim durante quinze ou vinte minutos, então parece que a fonte se esgotou, e o pastor preencheu o tempo restante com histórias e comentários sem incentivo. Esta observação foi feita a respeito de um pastor que está bem acima do termo médio no adventismo. Creio que é tempo de gastarem as Associações mais dinheiro no envio de homens para o nosso Seminário, a fim de prepará-los para mais eficiente ministério da Palavra. Quando se encontrarem no Seminário, devemos certificar-nos de que estejam sob a espécie de liderança que os tornará fortes pregadores da Palavra. Filosofia, suposição, sensacionalismo e especulação — êsse tipo de pregação não reterá os membros. Um rebanho educado e esclarecido exige que adostremos mais eficientes ministros da Palavra.

Falando de modo geral, a congregação corresponde favoravelmente à nutrição espiritual. Na casa de um amigo mútuo, um médico e eu conversávamos ao lado duma mesa. A conversação passou a tratar do pastor dêle. Com profundo sentimento o médico expressou seu apreço pelo poder espiritual que recebia das mensagens apresentadas pelo pastor no sábado. Também mencionou que êle e centenas de outros assistiam regularmente aos cultos de quarta-feira, devido a apreciarem muitíssimo os estudos dados. No decorrer da conversa, êsse médico fez uma observação muito importante: "Meu pastor me incentivava a pensar." De outra igreja, recebi uma carta duma dona de casa, em que ela elogiava os excelentes sermões apresentados por seu pastor. Declarou que sua família muitas vezes comentava o sermão no caminho para casa, depois do culto.

Existe outro ponto que merece nossa consideração. A chama do evangelismo deve permear nossos cultos de adoração. O mais vigoroso programa ganhador de almas em qualquer Associação, será o resultado de cada igreja realizar uma hora de culto que apele aos membros bem como aos visitantes. Precisamos es-

(Continua na pág. 15)

A Não Utilizada Fonte de Poder na Igreja

DONALD W. WILSON

Universidade Andrews



TODO pregador e quase cada membro na igreja do Nôvo Testamento eram evangelistas. Por conseguinte, foi bem sucedida em apresentar o cristianismo perante o mundo, em pouco tempo. Dêste princípio: "Todo pregador e membro da igreja um evangelista," depende o êxito da igreja de hoje em atingir o mundo.

Freqüentemente se tem o ministro sobrecarregado com o grande número de problemas que surgem dentro da igreja, ficando assim parcial ou completamente impedido de estabelecer eficaz contato com o povo de fora. É para o bem das igrejas que o ministério se tem tornado entrincheirado e um tanto deficiente no evangelismo direto? Deve o ministro transformar-se num conselheiro de tempo integral e organizador de atividades da igreja?

É essencial que o ministro eduque primeiro os anciãos, diáconos e membros da igreja no serviço, para que êle possa dedicar sua energia ao verdadeiro objetivo da obra ministerial.

"Ao trabalhar em lugares onde já se encontram alguns na fé, o ministro deve não tanto buscar a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da igreja para prestarem cooperação proveitosa. . . . Quando estiverem preparados para apoiar o ministro mediante orações e serviços, maior êxito há de lhe acompanhar os esforços." — *Obreiros Evangélicos* (3ª ed.), pág. 196.

Quando esta tarefa de educação estiver completa, o ministro poderá dedicar tôda a sua energia para promover o evangelho entre os não adventistas. Não é êste o verdadeiro ideal adventista?

"Nossos ministros não devem gastar seu tempo trabalhando pelos que já aceitaram a verdade. Com o amor de Cristo a arder-lhes no coração, devem pôr-se a ganhar almas para o Salvador. Junto a tôdas as águas devem êles lançar as sementes da verdade." — *Test. Sel.*, Vol. 3, pág. 82.

Em tôda igreja há uma não utilizada fonte de poder, que, plenamente aproveitada, deixa-

ria o pastor livre para o evangelismo e fortaleceria imensamente a igreja.

"O segredo de nosso êxito na obra de Deus encontrar-se-á na atividade harmoniosa de nosso povo. Deve haver ação concentrada. Todo membro do corpo de Cristo deve desempenhar sua parte na causa de Deus, de acôrdo com a capacidade que o Senhor lhe deu. Precisamos arremeter juntos contra os obstáculos e as dificuldades, ombro a ombro, coração a coração." — ELLEN G. WHITE, em *Review and Herald*, 2 de dezembro de 1890.

Não é desígnio de Deus que o ministério esteja sozinho em levar avante a proclamação da tríplice mensagem angélica. Antes, deve o ministro organizar sua igreja de tal maneira que as aptidões de cada membro sejam aproveitadas mais eficazmente na obra do Senhor. Existem homens e mulheres na igreja que podem contribuir para aliviar o fardo do ministro, a fim de que lhe seja possível empenhar-se no evangelismo. Durante demasiado tempo a responsabilidade tem repousado sobre os ombros de poucas pessoas. Chegou a ocasião de o ministério fazer amplo uso do tremendo potencial duma igreja inteiramente organizada.

Todo ministro está a cargo duma força ativa. O dirigente é o organizador, instrutor e conselheiro, não o único trabalhador. É êle o coordenador dum consagrado exército de obreiros leigos. Cooperativamente muito mais pode ser realizado do que pelo trabalho de um só ministro.

Em tôda igreja há membros capazes que podem ser colocados na direção de pequenos grupos de membros. De preferência, êsses membros leigos devem ser diáconos, e com êles devia estar associada uma diaconisa. Tais grupos não constituem uma inovação, mas um plano divinamente indicado para distribuir a responsabilidade e utilizar a fonte de poder na igreja que pode abalar o mundo.

"A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquê- le que não pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas

também pelos incrédulos. . . . Trabalhem com amor cristão pelos que se acham fora do redil, esquecendo-se a si mesmos no empenho de ajudar outros. Ao trabalharem e orarem em nome de Cristo, seu número aumentará." — *Test. Sel.*, Vol. 3, págs. 84 e 85. (Grifo nosso.)

O objetivo desses grupos patrocinados por membros leigos é duplo: Primeiro, trabalhar em favor dos membros da igreja e, segundo, trabalhar pelos descrentes.

O diácono que dirige o grupo se torna um pastor espiritual para esses indivíduos particulares. Por meio de visitas e interesses, mas sem demasiada curiosidade, discerne êle os seus problemas. Se alguém está ausente da igreja, êle, por via de regra, deve saber por quê. Dêsse modo a obra do ministro é aliviada dentro da igreja, e os membros mantêm-se constantemente em contato com a igreja através deste método. Caso surjam problemas sérios, são êles mencionados ao ancião, pelo diácono. Isto não significa que o ministro só deve visitar os membros que se encontram em grandes dificuldades, mas sim que os membros têm de ser guiados de maneira mais eficiente.

Êstes grupos são também valiosíssimos em patrocinar campanhas na igreja. Cada diácono deve promover todos os projetos dentro de seu grupo. Campanhas financeiras, Recolta etc., devem regular-se estritamente pela disposição dos grupos. Mediante êste método, em grande parte, poderia ser eliminada do púlpito, no sábado de manhã, a promoção de campanhas que perturbam o culto e redundam em perda de tempo. Na medida em que fôr possível, convém eliminar do culto divino todos os aspectos de fomento a campanhas. Isto pode ser realizado, estando os diáconos completamente organizados e instruídos, pondo-se então a considerar estas coisas diligentemente com os membros dos grupos, em seus lares, durante a semana. Um sistema de prestar informações semanais, far-se-ia necessário.

Além de constituírem ativa fonte de poder na igreja, êses grupos podem ser eficientes em dar estudos bíblicos, fazer visitas e efetuar esforços evangelísticos. Devidamente adestrados, podem dirigir proveitosas campanhas ganhadoras de almas, que não somente aumentarão o número de membros da igreja, mas também o vigor espiritual dos indivíduos envolvidos.

Para ser deveras eficiente e fortemente progressista, cumpre que a Igreja Adventista do Sétimo Dia incentive e adestre cada membro no trabalho ativo. Êste alvo só poderá ser alcançado se o ministro instruir e fortalecer os membros por meio de periódicas classes de preparo dentro da igreja. Deve haver cuidadosa persuasão, não compulsão, na elaboração desses planos.

Se êste esquema fôr seguido atentamente, resultados positivos podem ser obtidos.

"A obra de Deus nesta Terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja concorram ao trabalho e unam os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja." — *Obreiros Evangélicos* (3ª ed.), pág. 352.

Se cada ministro e cada membro se tornasse diligente missionário e evangelista, o evangelho logo seria proclamado a tôdas as nações, povos e línguas.

Como Reduzir as . . .

(Continuação da página 13)

forçar-nos mais em usar o culto divino como atração para a comunidade.

O espírito de companheirismo deve impregnar o culto de adoração. Há muitas pessoas solitárias no mundo. Alguns desses indivíduos encontram-se na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em muitos lares existem pessoas que são os únicos adventistas da família. Precisam de fervor, afeição e amizade no sábado de manhã. Semelhante companheirismo é mais do que uma ação maquinal. Em realidade o pastor reflete fervor ou frieza. Deve ser desprendido e amigável. Cada vez mais estabelecem os adventistas grandes igrejas. Isto torna ainda mais imperativo que haja uma atmosfera de afabilidade em nossas igrejas. Que se pode fazer para produzir êste fervor e afabilidade? Conheço um pastor que está empregando um método singular de registrar. No momento apropriado do culto, um acomodador entrega a cada fileira de adoradores um cartão de registro. Cada indivíduo nesse banco deve assinar o cartão. Assim, numa igreja grande, as pessoas ficam familiarizadas com os nomes daqueles que se assentam perto delas. Outras igrejas usam o processo de conceder alguns minutos de confraternização no fim do culto. Nas regiões de clima mais quente isto é feito no pátio.

O apropriado culto divino não é uma panacéia para todos os problemas de apatia. Por outro lado, um período de culto desorganizado, irreverente e repleto de propaganda nada faz para inspirar, animar ou alimentar espiritualmente o nosso povo. Como administradores, devemos preparar nossos pastôres para mais eficaz pregação da Palavra no púlpito. Talvez seja preciso que empreguemos mais dinheiro em desenvolver pastôres eficientes. Cumpre darmos atenção a isso, pois nossos membros refletem essa necessidade.

EVANGELISMO - Almas para Deus



Estamos Acompanhando o Explosivo Aumento da População?

E. L. BECKER

Revisor de Contas e Secretário Estatístico da Associação Geral



NÓS adventistas do sétimo dia somos um povo estatístico. Suponho que isto é natural porque nossa tarefa é tão urgente e nosso tempo tão escasso, que precisamos ter algum meio de medir nosso progresso e avaliar a produtividade de nossos esforços. Tudo isto sucede como deve ser.

Com certeza, qualquer propensão de minha parte para subestimar a validade dos dados publicados sob minha direção seria inauspiciosa. Nossa estatística é exata, útil e, acima de tudo, eloqüente testemunho do maravilhoso poder de Deus operando através de Seus instrumentos escolhidos neste mundo de pecado.

Examinemos os dois lados da questão. Há pouco tempo tive oportunidade de escrever breve artigo sobre um estudo levado a efeito na seção de estatística da Associação Geral, comparando o crescimento da população com o aumento de membros de nossa igreja. Era um registro satisfatório. Em 62 anos, a população do mundo dobrou, enquanto o nosso número de membros se multiplicou 18 vezes. É verdade que o ritmo dessa expansão diminuiu um tanto; em 1962, o aumento da população foi de 3,8 por cento, e o aumento de membros, 4,1 por cento. Ainda estamos na frente do crescimento geral da população, mas por muito pequena margem.

Mais ou menos na mesma ocasião, li uma declaração nas colunas da revista *The Ministry*, cuja finalidade, em parte, era salientar que a população do mundo crescia tão depressa que nossa missão de advertir o mundo não lhe acompanhava o passo — que cada dia estamos ficando para trás. Naturalmente, não era um estudo estatístico, mas por certo era um pensamento

alarmante. Será verdade que hoje nossa tarefa inacabada é maior do que era no passado, que a obra neste ano está mais longe de sua terminação do que estava em 1964? Se fôr assim, que dizer de nossas estatísticas referentes ao número de membros? Estão elas completamente erradas? Como podemos harmonizar isto?

Não há prestidigitação aí. Examinemos mais atentamente estes dois pontos de vista.

A comparação entre os coeficientes do aumento da população e o crescimento do número de membros chama-se *medida proporcional*. É certo que desde o início do século vinte nossa igreja cresceu quase nove vezes mais depressa do que a população em geral. Mas também é certo que no mundo hoje existem milhões e milhões mais de pessoas que se encontram fora da igreja, do que havia sessenta anos atrás.

Por outro lado, até que ponto é válida a inferência de que estamos ficando para trás em nossa tarefa? Deparamos aqui face a face com a grande parte imponderável de nossa obra — pois quando é que uma pessoa está “advertida”? Devemos ir a todo o mundo, ensinando “tôdas as nações” e “batizando-as.” Podemos avaliar, numerar e registrar os batismos, e o temos feito. Mas o ensino é uma palavra que, suponho, não é, e nunca será, neste lado do registro do Estatístico Invisível, sujeita à medida de nossa estatística.

Em fevereiro, foi retirada em tôdas as nossas igrejas a oferta anual que ajuda a manter o programa Fé Para Hoje. No mês de outubro foi arrecadada uma oferta semelhante para a Voz da Profecia. Podemos contar o dinheiro que entrou e até prestar contas de como foi empregado — tanto para o salário do pessoal, uma parte para as despesas com a produção e a transmissão dos programas de rádio e televisão, uma porcentagem para os cursos bíblicos por corres-

pondência. Mas duvido que os pastôres H. M. S. Richards e W. A. Fagal, por mais que conheçam profundamente suas próprias organizações, e por mais compenetrados que estejam das responsabilidades de evangelização com que têm de arcar, tentariam determinar o número das pessoas que foram atingidas, ensinadas e advertidas. Estas coisas constituem um lugar no coração dos indivíduos, que a nossa pobre estatística humana jamais alcançará. E a mesma limitação deve ser atribuída à nossa avaliação dos milhares de sermões pregados ao redor do mundo, dos milhões de páginas de livros, revistas e folhetos repletos da verdade que foram distribuídos, do grande número de orações feitas em quartos de doentes, salas de operações e salas de aula.

Há pouco tempo, ouvi contar a história sucedida na Iugoslávia, de um cão que certo dia voltou para casa trazendo nos maxilares um pedaço de papel sujo e manchado de gordura, que evidentemente fôra usado para embrulhar pequena porção de carne proveniente do mercado local. Mas essa fôlha de papel continha uma mensagem especial para aquela família, e hoje são membros da igreja remanescente! Se Deus pode usar um ronhento cão para ajudar a espalhar Sua mensagem, quem somos nós para estabelecer limites ao alcance de Sua obra?

“Permiti-me dizer-vos que o Senhor operará nesta obra final dum modo muito diferente do estado normal das coisas, e duma maneira que será contrária a todo planejamento humano. . . . Deus Se servirá de meios pelos quais se verá que Suas próprias mãos estão assumindo o controle. Os obreiros ficarão surpresos com os meios simples que Ele usará para efetuar e completar Sua obra de justiça.” — *Testimonies to Ministers*, pág. 300.

Solene responsabilidade pesa sobre os obreiros de Deus nestes últimos dias — a responsabilidade de pregar, ensinar e advertir. Deus deu a cada um de nós uma obra por fazer, e nas tarefas que nos cabem devemos empregar o máximo de nossas capacidades humanas. Cumpre-nos trabalhar, não servilmente, arrastando-nos de maneira cega ao longo de antiquadas verdades e métodos; não negligentemente, efetuando com indolência o mesmo serviço antigo, e de idêntico modo obsoleto. Devemos aproveitar todos os meios e fazer uso de todo talento e oportunidade para desempenhar nossa incumbência. “Exige-se de nós que exerçamos mais poder mental e espiritual. É vosso dever, e tem sido vosso dever todos os dias da vida que Deus graciosamente vos outorgou, acionar os remos do dever, pois sois agentes responsáveis de Deus.” — *Idem*, pág. 184.

Reconhecendo e assumindo a responsabilidade que Deus colocou sobre nós, cuidemos para

não cair no mesmo erro de Davi, tentando numerar o Israel espiritual. Nossa medida é humana, e por meio dela precisamos continuar a avaliar o progresso que Deus em Sua misericórdia nos concede.

“Como humanos agentes de Deus, cumpre-nos fazer o trabalho que Ele nos confiou. A cada homem deu Ele o seu trabalho, e não nos entregaremos a conjeturas sobre se nossos arduos esforços serão ou não bem sucedidos. Tudo pelo que somos responsáveis como indivíduos, é o desempenho incansável e consciencioso do dever que nos compete fazer; e se deixamos de realizar aquilo que é ordenado em nosso caminho, não podemos ser desculpados por Deus. Havendo feito, porém, o melhor possível, devemos deixar todos os resultados com Ele.” — *Idem*, págs. 183 e 184.

Princípios Básicos . . .

(Continuação da pág. 24)

nos foram dadas por inspiração. Onde as profecias do Velho Testamento são explicadas no Novo, certamente temos o direito de fazer a aplicação, pois ali encontramos o cumprimento definitivo das profecias do reino.

Segundo a opinião geral, os adventistas do sétimo dia escrevem e pregam menos sobre as profecias do reino do que sobre as profecias gerais de Daniel e Apocalipse, e com muita razão. As últimas apresentam muitas predições específicas e minuciosas que achamos serem vistas cumprir-se na História, ou estar em processo de cumprimento nos nossos dias. Os cumprimentos passados fortalecem a fé na inspiração divina da Palavra. E os cumprimentos que se desdobram diante de nossos olhos são necessários para nos defender contra os enganos e as provações dos últimos dias.

O ensino de que os judeus como nação não constituem mais o povo escolhido de Deus, e que a igreja cristã é agora a herdeira das promessas, a nosso ver é sólida doutrina escriturística, boa teologia e interpretação histórico-protestante, bem como ensinamento-padrão dos adventistas.

Achamos ser menos proveitoso apresentar ao homem comum as profecias do reino com tôdas as suas múltiplas incertezas, do que apresentar a Cristo e Ele crucificado, e advertir o pecador contra os enganos fatais destes últimos dias.

A pregação da profecia tem o único objetivo de enaltecer a Cristo, que é o Centro de toda a profecia, e sob a influência do Espírito de Deus preparar pessoas para Sua gloriosa vinda como Rei dos reis e Senhor dos senhores. — *Questions on Doctrine*, págs. 234-243

Motivos e Apelos Para Entrega

L. O. N. CUMMINGS

Evangelista na Associação Montana



“PORQUE decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado.” I Cor. 2:2. Únicamente com este pensamento como nosso principal motivo e desejo, alcançaremos verdadeiro êxito em conseguir decisões públicas. Todo convite, todo apêlo devem atrair alguém pa-

ra mais perto de Cristo.

O primeiro e talvez mais importante passo para obter a correta espécie de decisão pública, é a preparação do próprio coração do evangelista, a fim de certificar-se de que sua vida e seus intuitos são aprovados por Deus. Declara Paulo: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo.” I Cor. 11:28. Podemos perguntar a nós mesmos: “Qual é meu autêntico motivo em obter decisões públicas? É conseguir que o maior número possível de pessoas venham à frente, para que os membros da igreja e os colegas tenham a impressão de que sou um grande evangelista?”

Se estivermos mais interessados na quantidade do que na qualidade, empregaremos técnicas psicológicas não consagradas para persuadir as pessoas a fazer o que desejamos; portanto, devido à nossa persuasão, pode ser que não aceitem a Cristo voluntariamente. Noutras ocasiões, talvez apareça a tentação de deixar de fazer um apêlo. O momento e as circunstâncias não parecem ser apropriados, e não queremos sofrer uma derrota em público e perder o prestígio pessoal. Quem sabe pensamos que cabe a nós converter e persuadir os indivíduos, esquecendo-nos de que “a batalha é do Senhor” e que devemos confiar no poder do Espírito Santo para produzir frutos. Estas e muitas outras tentações precisam ser vencidas, caso queiramos ser bem sucedidos em obter decisões públicas que realmente sejam duradouras e sinceras.

Jesus Cristo, o evangelista por excelência, deve ser nosso exemplo em conseguir decisões públicas. Segundo os padrões materialistas de avaliar o êxito, Jesus foi um fracassado. Poucos tomavam decisões públicas em Suas reuniões, ou solicitavam para ser batizados. Não que Lhe faltasse capacidade para falar, ou poder para conservar as multidões, pois Ele atraía e

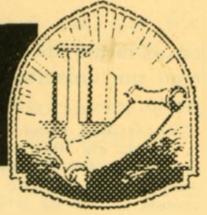
encantava milhares de pessoas com o poder de Seus discursos. Era a maneira em que efetuava Seus apelos públicos que parecia deter a tantos. Examinemos um destes apelos, segundo aparece em S. Lucas 14:25-35. Notamos aí que em vez de prometer uma coroa ou recompensa, Jesus apresenta a figura duma cruz. Sacrifício seria o quinhão de quem se dispusesse a segui-Lo. Opunha-Se Ele à própria base do pecado, a natureza carnal, exigindo sua morte e substituição pela característica divina de perfeito e abnegado amor. Em Seu apêlo, tornou Jesus claro que não é suficiente enfraquecer os indícios exteriores do pecado, como faziam os fariseus. Mostrou que o pecado não é tanto o que fazemos como o que somos. O pecado quer destruir a Deus para que o falso deus do eu possa fazer o que deseja, ao passo que a justiça revela a vontade de morrer para o eu, a fim de que seja feita apenas a vontade divina. Este era o padrão que Jesus apresentava em Seus apelos aos pecadores.

O Salvador sabia que o tomarem êles a decisão em qualquer outra base que não a da completa morte para o eu, haveria de deixá-los inabilitados para o Céu. O Céu e a presença de Deus tornaram-se insuportáveis para Lúçifer e seus companheiros de rebelião, devido a escolherem servir ao eu. Cristo indubitavelmente poderia ter batizado milhares, se lhes houvesse tornado mais fácil o aceitarem-no. Sabia, porém, que um indivíduo completamente dedicado e consagrado ao serviço de Deus vale muitas vezes mais do que mil adeptos indiferentes. Depois do Pentecostes vemos os frutos da sabeloria de Cristo em convidar Seus conversos para esta experiência de completa abnegação, pois êsses poderosos homens de Deus dedicaram a vida resolutamente à pregação da verdade, e milhares de pessoas se converteram.

O exército de Gideão é outro exemplo do anseio divino de que haja total consagração por parte de Seus seguidores. Em nenhum desses casos poderia haver Deus operado tão poderosamente, se Jesus ou Gideão tivessem comprometido ou abaixado a norma por causa de grandes números.

Estudando os métodos de Cristo devemos desejar ser semelhantes a Ele ao estimularmos as pessoas a aceitar a mais elevada experiência

(Continuação da pág. 21)



Cristo Nosso Senhor - IV

W. E. READ

Ex-Diretor da Revista "Israelite"



JÁ examinamos as palavras "gerado," "unigênito" e "primogênito," da maneira como foram traduzidas dos vocábulo gregos *monogenes* e *prototokos*, e vimos que, devidamente compreendidas e relacionadas com Cristo nosso Senhor, elas não se referem necessariamente ao nascimento

por geração humana.

O verbo grego *gennaō* deve ser considerado. O pretérito perfeito do indicativo, *gegennēka*, literalmente — "Eu tenho gerado" — é encontrado três vezes no Novo Testamento: Atos 13:33; Heb. 1:5; 5:5. Cada um destes versículos cita o Salmo 2:7, e em tôdas essas referências a aplicação mais ampla diz respeito a Cristo nosso Senhor.

Antes de examinar cuidadosamente a expressão: "Eu hoje Te gerei," será bom observar o contexto e ver se havia uma aplicação original para esta frase. A propósito disto, a expressão "Constituí o Meu Rei sobre o Meu santo monte," exige comentário (ver o Salmo 2:6). A tradução e aplicação deste verso em várias versões é significativa. Notai:

"Mas tenho sido feito rei por Ele sobre Sião, Seu santo monte, declarando a ordenação do Senhor: o Senhor disse para Mim: Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei" (LXX [Brenton]).

"Eu, porém, sou designado rei por Ele sobre Sião, Sua santa montanha, pregando Seu mandamento" (Douay).

"Investi Meu rei sobre Sião, sobre Meu sagrado outeiro." Declare eu a mensagem do Eterno" (Moffatt).

Oséias escreve a respeito do "dia do nosso rei" (Oséias 7:5), e o verso parece referir-se a uma festa ou celebração.

Diz a nova tradução inglesa de Tiago Moffatt: — "No aniversário de 'nosso rei.'"*

Goodspeed: — "Desde o dia em que ele se tornou rei."**

Leeser: "No dia em que nosso rei tomar posse de seu domínio."

Um comentário judaico declara o seguinte sobre o Salmo 2:7:

"Eu hoje Te gerei." Isto quer dizer "neste dia foste ungido Rei."¹

Afirma outro comentarista judeu:

"Eu hoje Te gerei deve ser interpretado em sentido figurado. No dia de Sua entronização, o Rei foi gerado por Deus como Seu servo para dirigir os destinos de Seu povo. Quando o trono foi prometido a Salomão, Deus fez a asseveração: 'Eu lhe serei por Pai, e Ele Me será por filho' (II Sam. 7:14).²

Parece que a alusão original do Salmo 2 diz respeito a Davi ou Salomão, e à sua investidura como rei, sendo estabelecidos ou entronizados sobre o santo monte de Sião. Esta interpretação significaria que o rei tinha dois aniversários: um, referente a seu nascimento físico, e o outro, indicado no texto, alusivo a seu nascimento simbólico, quando assumiu suas responsabilidades reais.

Consideremos agora a expressão "Gerei-Te," e vejamos como ela tem sido explicada pelos comentaristas através dos séculos.

Se a interpretação já mencionada fôr correta, então *gegennēka*, de *gennaō*, certamente é usado num sentido simbólico. Há muitos testemunhos sobre este ponto, como mostram as seguintes citações:

"Em vez do costumeiro 'aniversário' matinal, alguns comentaristas interpretam-no como significando a comemoração anual de sua ascensão ao trono.

"No Talmude babilônico (*Bab. Aboda sara* 10*) há uma metódica argumentação sobre o significado da frase, em que são apresentadas razões em favor da acepção 'aniversário,' mas em conclusão é dada preferência à interpretação: 'o dia em que o rei ascendeu ao trono.'³

Que antigamente, em certas ocasiões, os reis

consideravam os dias de sua elevação ao trono como um aniversário, pode-se perceber pelo seguinte:

"Tu és Meu filho, Eu hoje te gerei. A primeira parte do oráculo era uma expressão usada na adoção legal de uma criança (cf. Código de Hammurabi 170-71). Do mesmo modo, tanto no Egito como em Babilônia, era expressada a idéia da especial relação entre um rei e o seu deus; dizia-se que o rei havia sido adotado por seu deus. ... Eu hoje te gerei ... denota o dia em que o rei ascendeu ao trono." 4

"Este é realmente o decreto do Céu, que proclamo aqui a todo o mundo: pois, de uma condição humilde e pobre, o Senhor me elevou à mais alta dignidade. Neste mesmo dia, por Sua ordem, começo a reinar, e posso chamá-lo o aniversário de meu reino; o que é apenas uma pádua figura duma muito mais surpreendente e notável exaltação de Seu Filho Cristo, ao qual determinou voltar novamente à vida depois de ser morto e sepultado. (Atos XIII:33, Rom. I:4) e para ser então coroado com glória e honra, nos Céus." 5

Aplicação de "Eu Hoje Te Gerei," a Nosso Senhor

Como já foi mencionado, a expressão "Eu hoje Te gerei" é empregada quatro vezes na Bíblia.

Naturalmente, surge a pergunta: A que acontecimento ou experiência se refere a palavra "hoje"? Com facilidade pode-se distinguir a primitiva aplicação a Davi ou Salomão, por ocasião de sua investidura como rei. Mas em sua aplicação mais ampla ao Senhor de Davi — o Messias, essa palavra tem sido debatida através dos séculos. Alguns insistiram em que ela se referia à encarnação de Cristo, outros, à Sua ressurreição, e ainda outros, à Sua entronização como nosso Sacerdote e Rei, após ascender ao Céu.

A aplicação dessa frase ao Messias nosso Senhor, evidentemente é múltipla, e bem pode referir-se a vários eventos distintos na vida de Cristo. Observeimos os seguintes:

1. *Aplicação a Sua Encarnação.* "Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei" (Heb. 1:5).

Isto está intimamente relacionado com o verso que segue: "Ao introduzir o Primogênito no mundo" (Heb. 1:6).

Estas duas passagens estão aí tão relacionadas que não deixam margem a dúvidas quanto à intenção do escritor da Epístola aos Hebreus. A aplicação dos primeiros versos deste capítulo à encarnação, também é salientada pelos escritos do Espírito de Profecia. Ver *Testimonies*, Volume 2, pág. 426.

2. *Aplicação a Seu Batismo.* É verdade que em S. Lucas 3:22 a voz do Céu que proclamou a filiação divina do Messias, disse: "Tu és o Meu Filho amado, em Ti Me comprazo." Mas na R. S. V. (*Revised Standard Version*, inglesa), conquanto esta expressão apareça no texto, a nota ao pé da página dá outra tradução: "Eu hoje Te gerei," a mesma forma que aparece no Salmo 2:7.

Evidentemente, há boas razões para esta nota na R. S. V., pois aquela expressão se encontra num dos manuscritos gregos, o Codex Bezae, e é citada por Justino Mártir, em seus *Dialogues with Trypho* (Diálogos com Trifo), capítulo CIII, e por Clemente de Alexandria, em sua obra *Instructor*, capítulo VI.

A seguinte citação de S. C. Carpenter é apropriada nesse sentido:

"O ... texto ... ocidental, isto é, D (Codex Bezae), a antiga Versão Latina, Justino (C. Trypho., 89 e 103), Agostinho (De Cons. Evv., ii. 14), e algumas outras citações, declaram: "Tu és Meu Filho; Eu hoje Te gerei." O evangelho ebionita, citado em Epiph., Haer., XXX. 13, combina a versão "Ocidental" e a comum: "Tu és o Meu Filho amado; em Ti Me comprazo. E mais uma vez: Eu hoje Te gerei ... e novamente lhe veio [a João] uma voz do Céu: Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo.

"O texto "Ocidental" parece-se com a versão primitiva, e acredita-se (Harnack, *Sayings*, pág. 314; *Oxford Studies*, pág. 187) que ela deve ter-se encontrado em Q. ... A versão "Ocidental" é uma citação (Sal. 2:7), e haveria a tendência natural de assemelhar as palavras do evangelho à linguagem conhecida do Velho Testamento." 6

3. *Aplicação a Sua Ressurreição.* A ressurreição ocupa um lugar relevante na mente dos escritores do Nôvo Testamento, pois a referência no Salmo 2:7 constituía para êles vigorosa profecia da ressurreição de Cristo. Pode-se ver isto no discurso de Paulo, relatado em Atos 13, onde lemos: "Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei."

E novamente em Romanos 1:3 e 4: "Com respeito a Seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi poderosamente demonstrado Filho de Deus, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos."

"A confirmação do Espírito de Profecia a esta aplicação é vista em *Atos dos Apóstolos*, pág. 172 e no *O Desejado de Todas as Nações* (3ª ed.), págs. 580 e 581. 7

O seguinte excerto sobre este aspecto da questão deve ser observado com cuidado:

"Esta expressão, ... só pode significar: neste dia declarei e manifestei-Te como Meu Filho, investindo-Te na Tua dignidade real, e colocando-Te no Teu trono. São Paulo ensina-nos a ver o cumprimento destas palavras na ressurreição de Cristo dentre os mortos. Foi por meio disso que Ele foi declarado ser (assinalado como, num sentido peculiar e distinto), ... o Filho de Deus." 8

4. *Aplicação a Sua Investidura.* É evidente que nosso Senhor foi "exaltado" (Atos 2:33) quando ascendeu ao Céu, após Sua gloriosa ressurreição; "Deus O exaltou sobremaneira" (Filip. 2:9); foi exaltado "acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro" (Efé. 1:21);

com efeito, foi “coroado de glória e de honra” (Heb. 2:9).

Isto também é salientado por Ellen G. White. Lemos:

“Com inexprimível alegria, governadores, principados e potestades reconhecem a supremacia do Príncipe da Vida. A hoste dos anjos prostra-se perante Ele, ao passo que enche tôda as Côrtes celestiais a alegre aclamação: ‘Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra e glória, e ações de graças!’... O Céu ressoa com altissonantes vozes que proclamam: ‘Ao que está assentado sôbre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre.’” 9

Há, porém, outro aspecto de Sua investidura que faremos bem em recordar. Isto inclui o tornar-se Ele nosso sumo Sacerdote bem como nosso Rei. Lemos:

“Cristo a Si mesmo não Se glorificou para Se tornar sumo Sacerdote, mas Aquêle que Lhe disse: Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei; como em outro lugar também diz: Tu és Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.” Heb. 5:5 e 6.

Esta aplicação do Salmo 2:7, mencionada acima, é uma clara referência a Seu sacerdócio. Citamos de Ellen G. White:

“A ascensão de Cristo ao Céu foi, para Seus seguidores, um sinal de que estavam para receber a bênção prometida. Por ela deviam esperar antes de iniciarem a obra que lhes fôra ordenada. Ao transpor as portas celestiais, foi Jesus ordenado em meio a adoração dos anjos. Tão logo foi esta cerimônia concluída, o Espírito Santo desceu em ricas torrentes sôbre os discípulos, e Cristo foi de fato glorificado com aquela glória que tinha com o Pai desde tôda a eternidade. O derramamento pentecostal foi uma comunicação do Céu de que a confirmação do Redentor havia sido feita. De conformidade com Sua promessa, Jesus enviara do Céu o Espírito Santo sôbre Seus seguidores, em sinal de que Ele, como Sacerdote e Rei, recebera todo o poder no Céu e na Terra, tornando-Se o Ungido sôbre Seu povo.” 10

Outra pessoa expressou-se assim:

“Cumpra observar que em nosso Salmo o dia da confirmação própria do Rei é o dia de estar Ele sendo ‘gerado.’ O por menor de tempo mencionado não é o começo da existência pessoal, mas de ser investido de realza. Por meio da correta compreensão do significado dessas palavras, o Novo Testamento considera-as cumpridas na Ressurreição (Atos 13:33; Rom. 1:4). Nela, como o primeiro passo no processo que foi completado na Ascensão, a natureza humana de Jesus foi elevada acima das limitações e debilidades da Terra, e começou a ser promovida ao trono. O dia de Sua ressurreição, de certo modo, foi o dia do ingresso de Sua humanidade em majestosa glória.” 11

5. *Aplicação a Seu Segundo Advento.* Alguns dedicados estudantes da Bíblia têm achado que a palavra “novamente” — *palin* em grego — de Hebreus 1:6, aplica-se também ao segundo advento. “E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo.”

Diz uma melhor tradução do texto acima: “Mas quando quer que Ele introduzir novamente o Primogênito na Terra habitável” (Rother-

ham). “Mas falando do tempo em que Ele mais uma vez manifestar Seu Primogênito ao mundo” (Weymouth).

Se a palavra grega *palin* — novamente — fôr usada em relação a *eisagage* — introduzir, a referência aplica-se ao Segundo Advento.

“Que a declaração de Heb. 1:5 se refere ao Nascimento, é confirmado pelo contraste no verso 6. A palavra “novamente” é colocada corretamente na R. V. (*Revised Version*, inglesa): ‘Quando Ele novamente introduzir o Primogênito no mundo.’ Isto aponta para Seu Segundo Advento, que é pôsto em contraste com o Seu Primeiro Advento, quando Deus manifestou Seu Primogênito ao mundo pela primeira vez.” 12

REFERÊNCIAS

* De *The Bible: A New Translation*, por Tiago Moffatt. Copyright de Tiago Moffatt, 1954. Usado com permissão de Harper & Row, Publicadores.

** Smith e Goodspeed, *The Complete Bible: An American Translation*. Copyright 1939, pela Universidade de Chicago.

1. Salomão B. Freehof, *Commentary on the Psalms* (Cincinnati: União das Congregações Hebraico-Americanas, 1938), pág. 4.

2. A. Col'en, *The Psalms* (Londres: Soucino Press, 1945).

3. Emilio Schurer, *History of the Jewish People in the Time of Christ*, Vol. 2, div. 1, pág. 27.

4. *The Interpreter's Bible*, sôbre o Salmo 2:7 (Nova York: Abingdon Press, 1955).

5. Patricio Lowth, *Commentary on the Holy Scripture* (Londres: Ricardo Priestly, 1822), Vol. 3, pág. 66.

6. S. C. Carpenter, *Christianity According to Luke* (Londres: S. P. C. K., 1919, pág. 173).

7. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, pág. 172; *O Desejado de Todas as Nações* (3ª ed.), págs. 580 e 581.

8. J. Perowne, *The Book of Psalms*, sôbre o Salmo 2:7 (Londres: 1884), pág. 17.

9. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (3ª ed.), pág. 621.

10. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, págs. 38 e 39.

11. Alexandre Maclaren, *The Expositor's Bible*, sôbre o Salmo 2:7 (Grand Rapids: W. B. Eerdmann, 1940).

12. W. E. Vine, *Expository Dictionary of New Testament Words* (Londres: Oliphants Ltd, 1941), Vol. 4, págs. 48 e 49.

Motivos e Apelos . . .

(Continuação da pág. 18)

Cristã. Se assim fizermos, nossos apelos públicos produzirão resultados eternos, e ainda que durante algum tempo sejam menores em número, aqueles que atendem a êsse repto serão homens e mulheres de Deus e fortalecerão a igreja de Cristo. Também inspirarão os membros mais antigos a uma consagração mais profunda. Isto preparará a igreja para o derramamento da chuva serôdia, que será muito maior do que o Pentecostes. Então teremos decisões públicas aos milhares. Êstes novos crentes resolverão viver sômente para Jesus e refletir-Lhe plenamente a imagem.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Princípios Básicos de Interpretação Profética

(Continuação)

13. JUDEUS E GENTIOS NO REINO. — Embora afirmemos que o reino pertence à igreja cristã, com isto não negamos o reino aos judeus. Os herdeiros da promessa abraâmica do reino abrangem toda a descendência espiritual — todos os que são de Cristo, todos os que são salvos pelo sangue do concerto eterno — tanto judeus como gentios. Assim sendo, qualquer judeu que *crer no Messias* pode participar do reino milenial dos santos, bem como do reino eterno de Cristo. *Tão-somente por ser judeu*, nenhum indivíduo dessa raça pode aspirar a um reino terrestre, nacional e milenial, baseado nas profecias do reino, feitas no Velho Testamento.

14. A QUESTÃO DO ESTADO ISRAELITA. — Desejamos salientar aqui que o fato de os adventistas do sétimo dia rejeitarem a crença amplamente defendida, de um futuro reino judaico divinamente prometido, não justifica a acusação de “anti-semitismo,” ou de cegueira ante a realidade política do novo Estado judaico de Israel. Nossa interpretação profética não faz supor nenhuma destas coisas. Segundo já foi demonstrado, cremos que de acordo com as Escrituras os antigos judeus foram privados do reino e de sua condição especial como povo escolhido de Deus (ver S. Mat. 21:43; comparar com Jer. 18:6-10). Todavia, baseados nas Escrituras, também cremos que os judeus ocupam posição idêntica à de todos os outros seres humanos, tendo os mesmos direitos aos benefícios do evangelho da salvação (Rom. 10:12 e 13). Por conseguinte, convidamos a todos, tanto judeus como gentios, a se prepararem conosco para o encontro com o Rei vindouro. É deveras lamentável que até agora relativamente poucos judeus aceitaram a dádiva da salvação por meio de Cristo. Nosso sincero desejo e oração é que muitos mais o façam nestes últimos dias. Causar-nos-ia grande júbilo se todos os judeus existentes aceitassem a Cristo e tivessem assim uma

parte no reino prometido, juntamente com os salvos de todas as nações.

A existência do moderno Estado de Israel não demonstra que os judeus, como nação, ainda cumprirão as profecias do reino na Palestina, assim como o domínio britânico sobre esse país não confirmava a veracidade da interpretação anglo-israelita, a qual alega que os anglo-saxões e povos afins constituem o “verdadeiro Israel,” sendo portanto herdeiros do reino divinamente prometido. E nossa rejeição de ambas essas pretensões não nos faz ser antijudeus ou antibritânicos. Não somos oponentes de qualquer raça ou povo sobre a Terra. Contudo, cremos que o Estado de Israel não pode reivindicar a posse da Palestina baseado nas promessas bíblicas. A questão de meras pretensões territoriais deve ser determinada pelo direito internacional. Não há razão justificável para misturarmos nossa interpretação profética com semelhante problema político-internacional. Cumpre-nos apresentar a mensagem de Cristo e estender a simpatia e a justiça cristã a todos, imparcialmente. Não devemos permitir que nossa teologia interfira nos direitos dos judeus ou dos cristãos, dos maometanos ou dos pagãos.

Os adventistas do sétimo dia creem que a missão da igreja cristã é transmitir o “evangelho eterno . . . a cada nação, e tribo, e língua e povo,” bem como apresentar-lhes o elevado privilégio de fazer parte do reino de Deus.

15. PROFECIAS QUE AFETAM A ERA CRISTÃ. — Visto sustentarmos, baseados no Novo Testamento, que a igreja é a herdeira do novo concerto e do reino (o que, aliás, tem sido a crença constante da igreja através dos séculos, até os tempos atuais), vemos a continuidade do concerto, das promessas e profecias na Era Cristã. (No mais, “Novo Testamento” significa simplesmente “novo concerto.”) Jesus dirigiu-Se “primeiro aos judeus,” e caso O houvessem aceito, Ele indubitavelmente teria tor-

nado tôda a nação judaica o núcleo de Seu reino, e não apenas um pequeno número de discípulos. Tal fato, porém, não leva forçosamente à conclusão de que o Sermão da Montanha, a profecia de S. Mateus 24 e a maior parte dos ensinamentos de Jesus foram dirigidos mais à nação judaica do que à igreja cristã, da qual Ele é a pedra angular. Aceitamos o Novo Testamento como um todo harmonioso, em que os Evangelhos, as Epístolas e o Apocalipse são dedicados à igreja cristã, na qual tanto os judeus como os gentios são um.

O novo concerto, primeiramente oferecido pelos profetas da antiguidade em conexão com as promessas do reino, foi mediado por Cristo (Heb. 9:15), ratificado por Seu sangue (Heb. 13:20), tipificado na Ceia do Senhor (S. Luc. 22:16) e reiterado em várias Epístolas. Assim se tornou Ele uma realidade na igreja, e o reino do novo concerto existe agora em sua primeira etapa, que comumente é chamada "reino da graça," até tornar-se, por ocasião do segundo advento, o visível "reino de glória," que se prolongará depois do milênio como o reino eterno estabelecido sobre a nova Terra.

Visto distinguirmos uma continuidade no concerto, na promessa e na profecia, não consideramos a Era Cristã como dispensação intermediária entre as dispensações judaicas do passado e do futuro, ou como interrupção na profecia. Esperamos, portanto, cumprimentos proféticos na época presente; e por causa disto, somos corretamente classificados de historicistas na interpretação profética.

16. A CONSUMAÇÃO DA PROFECIA. — Implicações ainda mais fortes para o ponto de vista contínuo da profecia, são encontradas nos ensinamentos de Jesus. Ele mencionou eventos a Seus seguidores antes de acontecerem, para que quando ocorressem, Seu povo pudesse crer (S. João 13:19). Ao ser interrogado acerca da destruição do Templo, e do fim do mundo ou dos séculos (S. Mat. 24:3), Jesus falou a Seus discípulos sobre o princípio das dores — os falsos cristos, as guerras e calamidades — chegando a equiparar a "abominação da desolação" predita por Daniel, com o cerco de Jerusalém por exércitos, como sinal de que eles deviam fugir para pôr-se em segurança (S. Mat. 24:15 e 16; comparar com S. Luc. 21:20 e 21). Atendendo a esta advertência (S. Mat. 24:16-18), os cristãos primitivos escaparam, salvando a vida por meio de uma fuga anterior à destruição de Jerusalém, em 70 A. D. Recomendou que Seus discípulos estivessem atentos aos sinais da proximidade de Sua vinda. Tudo isto indica que Jesus esperava estivessem eles constantemente vigilantes sobre o cumprimento da profecia através da Era Cristã. Isto está em direta oposição ao conceito de que não devia haver cumprimentos

antes do alegado arrebatamento e remoção da igreja, para fora da Terra.

Além disso, achamos que as profecias de Daniel 2 e 7, que delineiam os reinos sucessivos, estão em contínuo processo de cumprimento na História, a começar com o tempo da Neobabilônia. De modo análogo, as setenta semanas de anos (Daniel 9) atingem seu ponto culminante no tempo de Cristo, o Messias. Ademais, verificamos que os apóstolos aplicavam à igreja cristã de seu tempo, certas profecias do Velho Testamento. Portanto, já que não encontramos razão para separar da Era Cristã as profecias do reino, as profecias gerais e os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, procuramos e descobrimos cumprimentos históricos através dos séculos. Em outras palavras, somos historicistas pré-milenialistas.

III. Ilacões das Profecias do Reino

Nesta seção, ver-se-á que a interpretação das profecias do reino provê a chave não somente para as diferenças entre os diversos pontos de vista sobre o milênio, mas também a outros fatores que aparentemente não têm conexão entre si.

1. O PARECER DA IGREJA SOBRE O REINO. — Notemos em primeiro lugar as consequências da premissa que geralmente tem sido mantida na igreja cristã através dos séculos, a saber, que quando os judeus rejeitaram a Cristo, foram rejeitados como nação, e que desde então o verdadeiro povo escolhido do concerto e da promessa — os santos, a "nação santa" — é a igreja, constituída de todos os genuínos cristãos, tanto judeus como gentios. (Ver Atos 15:13-18; I S. Ped. 2:9.)

Aquêles que defendem a veracidade desta premissa, para ser coerentes, também devem defender os dez corolários seguintes:

(1) Os "santos" perseguidos pelo anticristo não são a raça judaica, mas os cristãos, tanto judeus como gentios. Destarte, o anticristo deve aparecer *durante* a Era Cristã, ou "época da igreja," e não depois.

(2) A igreja cristã está presente na Terra *durante* a tribulação imposta pelo anticristo; portanto não pode haver um "arrebatamento" dos santos antes da tribulação.

(3) Não há um período futuro destinado à nação judaica como povo escolhido de Deus; assim o cumprimento da setuagésima semana não pode ser um período judaico ainda futuro, assinalado pela terminação dos sacrifícios do Templo restaurado; por conseguinte, ela deve ter-se cumprido no passado, de maneira mais apropriada na morte de Cristo. Ver a Pergunta 26.

(4) O futuro reino sobre a Terra não pertence somente ao povo judeu, mas aos santos cristãos, tanto judeus como gentios, o verdadeiro povo escolhido; assim, o atual retorno dos judeus à Palestina não constitui um preságio do reino predito.

(5) O cumprimento das profecias do Velho Testamento acerca do reino não deve ser aguardado de maneira exata e *literal*, em todos os seus pormenores, na igreja cristã ou Israel *espiritual*, como teria sucedido com os judeus dos tempos antigos, caso não houvessem perdido sua posição especial.

(6) A era da igreja não pode ser considerada meramente como “solução de continuidade” entre duas épocas judaicas — um período em que “o relógio profético deixou de tiquetaquear”*; portanto, continuamente podem ser aguardados cumprimentos proféticos através de toda a história cristã.

(7) Os cumprimentos simbolizados pela “ponta pequena” do quarto animal mencionado por Daniel, têm de ser procurados dentro da Era Cristã, e não depois de longa interrupção na profecia; destarte não há razão para prolongado intervalo entre o império romano e o surgimento da ponta pequena.

(8) O cumprimento da “apostasia,” e de assentar-se o “homem do pecado” no “templo de Deus” (II Tess. 2:3 e 4), não pode ser relacionado corretamente com o Templo judaico; por este motivo, deve referir-se à igreja cristã. Conseqüentemente, aplica-se à apostasia na igreja cristã e ao anticristo que se levantaria na igreja.

(9) Os ensinamentos de Jesus referentes ao “reino,” bem como os das outras partes do Novo Testamento, dizem respeito à igreja, não aos judeus (S. Mat. 5-7; 24; etc.).

(10) A igreja é a herdeira do novo concerto, sob o qual a lei de Deus deve ser escrita no coração, pelo Espírito Santo. Não a lei nacional e cerimonial dos judeus, que expirou na cruz; mas sim a lei moral, que, segundo declara a Confissão de Westminster, está “sucintamente contida nos Dez Mandamentos.”

2. EXPLICAÇÃO DO CONCEITO ADVENTISTA. — Esta apresentação revela as diferenças fundamentais entre o conceito histórico e pré-milenialista dos adventistas do sétimo dia, e o dos amilenialistas, pós-milenialistas e pré-milenialistas *futuristas*. Ver-se-á que a chave da questão está na própria idéia que se tem da interpretação profética, principalmente na maneira de encarar as chamadas profecias do reino.

Discordamos do conceito dos pós-milenialistas e amilenialistas, de que a profecia — como

é aplicada às profecias do reino e ao milênio — é inteiramente figurada. Semelhante interpretação despoja as predições de seu significado específico. Divergimos igualmente da opinião futurista, que parece insinuar que há irrevogável determinação na profecia, excluindo ou pelo menos reduzindo ao mínimo qualquer profecia condicional, e reclamando rigoroso cumprimento para o Israel literal, no futuro, se não no passado. Esta idéia constitui a base do futurismo, pré-tribulacionismo e dispensacionalismo. Os adventistas do sétimo dia têm pouca coisa em comum com os pós-milenialistas, mas se encontram entre os amilenialistas e os futuristas, concordando parcialmente com ambos.

Os adventistas, embora às vezes acusados de não estabelecer correta distinção entre os judeus e a igreja, procuram evitar os dois extremos da interpretação excessivamente figurada e da que é demasiado literal, por meio de um ponto de vista que achamos basear-se numa “correta distinção” entre as diversas espécies de profecia. Apegando-nos à “segura palavra profética,” rejeitamos a definição “fatalista,” e o conceito literalista da predição em geral. Descobrimos nas Escrituras que algumas mensagens proféticas — como as profecias do reino — dadas originalmente sob um aspecto local e mais imediato, podem cumprir-se apenas parcialmente ou não cumprir-se de maneira alguma em seu contexto inicial, cumprindo-se todavia num tempo remoto, sob circunstâncias diferentes e de maneira diversa. Em especial, as profecias do reino, referentes a Israel, pertencem a uma categoria separada das outras predições fatalistas ou de presciência, pois dependiam das ações humanas. Havia alternativas de bênção ou castigo para Israel. Como os judeus perderam o direito à bênção, receberam a outra alternativa, encontrando-se hoje espalhados entre as nações.

Em contraposição aos amilenialistas, os adventistas não tornam as recompensas para Israel figuradas, e literais as punições. Da mesma maneira que os futuristas, sustentamos que as promessas feitas a Israel eram tão literais como as advertências. Todas as promessas ter-se-iam cumprido literalmente, se pela desobediência os judeus não houvessem sido privados delas. Contudo, cumprir-se-ão finalmente em princípio no verdadeiro Israel, pois o fracasso do Israel antigo como nação não pôde invalidar os propósitos de Deus. Em lugar dos “ramos” judaicos que foram cortados, foram enxertados os conversos gentios, juntamente com os ramos naturais que aceitaram o Messias (Rom. 11:24). Assim os filhos espirituais de Abraão, tanto judeus como gentios, se tornaram “herdeiros segundo a promessa” (Gál. 3:29). Não nos sentimos autorizados a fazer aplicações figuradas; devemos limitar essas aplicações às que

(Continua na página 17)

* H. A. Ironsides, *The Great Parenthesis*, 1943, pág. 23.